

## EFEITOS DE PRÉ-CONSTRUÍDO EM CARTUNS

Maria Leda R. ROBERTO

(mariar@unijui.tche.br)

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)

O objeto simbólico, cartum, enquanto constitutivo do discurso midiático, nos remete inicialmente a FOUCAULT [1969 (1971, p. 36)], para quem todo o discurso manifesto repousaria sobre um já-dito, e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada ou um texto já escrito, mas que teria ressonância sócio-histórica, implicando também não-ditos, constituindo-se, sob esse viés, em um “jamais-dito”, ou seja, como um dito pela primeira-vez. É nesse sentido que olhamos o nosso objeto, como um discurso que pode ser “acolhido em sua irrupção como acontecimento” (*ibidem*) na dispersão que nos permite senti-lo escondido, transformado e/ou apagado. Situamos então, o cartum no campo das relações entre o lingüístico e o histórico-social, buscando no interior desse campo o fato social que compreendemos como um flagrante do cotidiano.

A seqüência de conceitos para a compreensão de um discurso - tomado como prática discursiva -, não segue normas pré-estabelecidas. Para FOUCAULT [1969 (1971, p.71)], “antes de querer repor os conceitos em um edifício dedutivo virtual”, seria necessário obedecermos aos diversos tipos de dependências que demandam de um enunciado, pois para analisar a formação dos conceitos não precisamos (p.79) relacioná-los à “idealidade” nem “ao curso empírico das idéias”.

Por conseguinte, essa é uma dispersão constitutiva de todo o trabalho que busca compreender funcionamentos discursos, pois não existe um percurso pré-determinado, mas construído pelo analista. Sendo assim, os conceitos que re-

visitamos são aqueles que julgamos necessários para compreendermos sentidos que se fundam no constructo que organizamos. Em vista disso, retomaremos as noções de interdiscurso e intradiscurso para chegarmos ao pré-construído. PÊCHEUX [1975 (1995, p. 163)] denomina interdiscurso o “*todo complexo com dominante*<sup>1</sup> das formações discursivas”. O interdiscurso está imbricado no complexo das Formações Ideológicas, que toda a Formação Discursiva (FD) dissimula, na ilusão de transparência do sentido que nela se forma. É o lugar onde se constituem os objetos do saber (os enunciados); corresponde a “ça parle”, isto é, algo fala antes, em outro lugar, independentemente, sob o complexo das Formações Ideológicas.

Daí advém a noção de intradiscurso, considerada como “o fio do discurso” do sujeito falante, ou seja, “um efeito do interdiscurso sobre si mesmo” (*ibidem*), uma interioridade. Entendemos, pois, que o intradiscurso assinala a relação que o sujeito tem consigo mesmo, com as suas formulações passadas e com as futuras. Isto é, os sujeitos quando dominados por uma formação discursiva dada se reconhecem entre si, havendo conivência e coincidência entre os dizeres.

Quanto ao interdiscurso, COURTINE e MARANDIN (1979) destacam que

Interdiscours est un processus de reconfiguration incessante dans lequel une FD est conduite, en fonction des positions idéologiques que cette FD représente dans une conjoncture déterminée, à incorporer des éléments préconstruits produits à l'extérieur d'elle-même (p. 24).

Os autores (*ibidem*) consideram o interdiscurso como aquilo que regra o deslocamento das fronteiras da FD. Esse processo suscita lembranças e organiza repetições (paráfrases), mas pode também provocar, além do apagamento ou

---

<sup>1</sup> [grifos do autor]

esquecimento, até mesmo a denegação dos próprios elementos (dizeres) que o tornam possível.

ORLANDI (1999, p. 32 e 33), refletindo sobre essa questão, enuncia que há uma relação necessária entre o interdiscurso (o já-dito) com o intradiscurso (o que se está dizendo). Esses dois conceitos estão mutuamente imbricados, podendo, para explicitações metodológicas, serem representados em dois eixos que se cruzam: o interdiscurso representa o eixo vertical, no qual teríamos todos os já-ditos e esquecidos (isto é, silenciados, mas latentes) e o intradiscurso assinala o eixo horizontal, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. O intradiscurso aliado ao interdiscurso representa o dizível. No exame do interdiscurso, dois elementos merecem destaque: o pré-construído e o discurso-transverso.

Para PÊCHEUX [1975 (1995, p. 99)], pré-construído é um termo proposto por Paul Henry para designar aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, mas sempre independente, opondo-se ao que é construído pelo enunciado. É o efeito do discurso ligado ao encaixe sintático. A característica essencial do pré-construído (*idem*, p.102) é a separação entre o pensamento e o objeto do pensamento, com a pré-existência deste último – o real existe independente do pensamento. O pré-construído é apresentado como o “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que impõe a realidade e seu sentido sob a forma de universalidade (mundo das coisas).

Já na perspectiva de MAINGUENEAU (1996, p. 114), o pré-construído foi mais tarde (pós-Pêcheux) reformulado como um traço do interdiscurso no intradiscurso. Ele foi assim associado a uma das teses essenciais da Escola Francesa, a de uma “dissimulação” do interdiscurso pelo discurso.

Outros autores pesquisaram o pré-construído. Dentre eles, MARANDIN (1994, p. 125), que discorre sobre as relações existentes entre sintaxe e discurso, através do jogo anafórico (parte-todo).

MARANDIN (*idem*, p. 126) apóia-se nos postulados de Pêcheux em *Les vérités de la Palice* (1975) para aproximar o interdiscurso do intradiscurso. A hipótese levantada em sua pesquisa versa sobre a possibilidade de olhar o discurso em um espaço diferente – o espaço construído nos domínios semânticos. Trabalhando com a coesão (anáfora entre unidades nominais; anáfora temporal e tematização discursiva) introduziu um estudo de pré-construído que, através da sintaxe, evidencia a ligação semântica que os recortes discursivos mantêm entre si, como observa a seguir:

A noção de pré-construído não pertence à teoria que estuda os modos de organização da linguagem (a teoria do que chamo língua), ela depende de uma teoria que estuda o funcionamento da linguagem numa formação social. Geneticamente, ela depende, pois, de uma pragmática do discurso (*idem* p.130).

MARANDIN (*ibidem*) apresenta essa noção com o objetivo específico de conceber a “eficácia” (p.130) própria da linguagem. Nesse sentido, o autor aproxima o conceito de pré-construído à psicanálise. Entretanto, adverte que essa qualidade não deve ser atribuída à ação ou intenção do locutor, deve estar na língua. Isto é, a língua apresenta mecanismos suficientes para assegurar tal possibilidade. A definição que organiza para pré-construído dá conta dessas postulações.

O pré-construído designa uma situação onde o modo de organização do objeto é indistinguível de seu modo de interpretação (recupero o vocabulário fregeano das definições originais); o objeto em questão sendo o suporte dos efeitos de referência extra-lingüística e da predicação (p.131).

O pré-construído diz respeito àquilo que a língua organiza, articulando forma-sentido. Na origem do pré-construído está sua ligação com a sintaxe. Devemos enfatizar que essa ligação com a sintaxe é em nível discursivo. Segundo FERREIRA (1999, p. 61), o postulado central do modelo instituído por Marandin é o de que a sintaxe tem uma função decisiva na construção de um dispositivo de análise.

Ao colocar-se contra o modelo da Gramática Gerativa, MARANDIN (*idem*) apóia-se em MILNER [1989 (1987)]<sup>2</sup>, para postular que ‘a linguagem não é uma’ ou seja, a linguagem é heterogênea’ (*ibidem*). A partir daí, propõe a substituição do modelo unitário por outro, no qual a mediação seja apreendida em diferentes planos (morfológico, lexical, sintático, semântico e discursivo).

Em nosso trabalho, o pré-construído é o elo que possibilita articular, no discurso, o lingüístico com suas condições sócio-históricas e ideológicas. Para isso, encontramos uma possibilidade de articularmos (gesto nosso) as postulações de MARANDIN (*op. cit*) com as de ACHARD [1983 (1999)] quando estuda os Implícitos.

O estudo de ACHARD (*idem*) registra que a estruturação do discurso vai constituir a materialidade de uma memória social e, a partir do papel que essa memória desempenha, podemos entender os implícitos que o enunciado comporta. Segundo o autor, não é fácil provarmos que o pronunciamento que está subjacente (implícito) ao discurso tenha existido. O que ocorre é a colocação em série de repetições formais que oscilam entre o histórico e o lingüístico. A essas repetições, ele denomina paráfrases e retomadas.

---

<sup>2</sup> A referência entre colchetes corresponde à obra citada por Marandin, e a entre parênteses é correspondente a que consultamos.

Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição ‘no vazio’ de que eles respeitem as formas que permitem sua inserção por paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo (p. 13).

O autor acrescenta que se reconstituíssemos os elementos da enunciação que esses implícitos comportam, perceberíamos que os operadores linguajeiros “só funcionam com relação à imersão”<sup>3</sup>. ACHARD (*idem*) enuncia que o analista de discurso deve ter presente o “fato de que a memória suposta pelo discurso é sempre reconstituída na enunciação” (p.17). Todo o discurso, uma vez produzido, é objeto de retomada, e a enunciação é tomada como operações que regulam a circulação do discurso.

PÊCHEUX [1983, (1999, p. 50)], manifestando-se a respeito do pronunciamento de Pierre Achard, destaca que a memória seria aquilo que, face a um texto, surge como acontecimento a ler. Nesse sentido, viria “restabelecer os implícitos (quer dizer, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Destaca ainda, a hipótese levantada por Achard, de que os implícitos não estão disponibilizados explicitamente sob uma forma sedimentada, mas através da repetição e formação de um efeito em série de uma ‘regularização’ (termo utilizado por Achard), que poderá ruir se um acontecimento novo perturbar a memória. Essa perturbação desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior, ocasionando, sob o choque do acontecimento, um jogo de força na memória.

---

<sup>3</sup> A noção de imersão « plongement » supõe a possibilidade de um ponto de vista intrínseco, e propriedades induzidas pela consideração da situação no espaço da imersão (Achard, *idem*, p.21).

Para PÊCHEUX (*idem*), a memória é entendida nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. A memória não pode ser concebida como uma esfera plena, que acumula conteúdos homogeneamente. Pelo contrário, ela abriga disjunções, deslocamentos, rupturas, retomadas, conflitos de regularização, réplicas, polêmicas e contra-discursos. É necessário acrescentar que o outro interno que existe em toda a memória é a marca do real histórico, pois nenhuma memória é um frasco sem exterior (*idem*).

Como já referimos, a exterioridade é constitutiva do discurso, nas charges a seguir podemos ensaiar um gesto de análise<sup>4</sup>. Para isso, propomos olhar a metáfora “tudo acabou em pizza” como uma marca lingüística que através da relação interdiscurso/intradiscurso mobiliza “já-ditos” que retornam como efeitos de pré-construído. Para ORLANDI (1987, p. 151), a tomada da palavra abriga tensão, confronto, reconhecimento e mesmo conflito. Há tensão entre o texto e o contexto histórico-social e entre os interlocutores. Há, pois, um efeito de pré-construído que é ativado pela memória discursiva.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ACHARD, Pierre et al. (1983). *Papel da Memória*. Campinas (SP): Pontes, 1997.
- COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. In: *Langages*. Paris: Larousse, 1981.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O lugar da sintaxeno discurso. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre (RS): Sagra, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. RJ. Forense Universitária, 1971.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chaveem da Análise do Discurso*. Belo Horizonte (MG): UFMG, 1998.

---

<sup>4</sup> anexo 1

MARRANDIN, Jean Marie. Sintaxe, discurso: do ponto de vista da análise do discurso. In: Orlandi, E.P. (org.) *Gestos de Leitura*, SP: Editora da Unicamp, 1994.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da Língua*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. SP: Pontes. 1999.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. (1983). *Papel da Memória*. Campinas (SP): Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. (1975). *Semântica e Discurso*. SP: Editora da Unicamp, 1995.

## ANEXO 1

